CADERNOS DO
Ceas
Revista crítica de humanidades

O GOVERNISMO EM CENA: NOTAS PRELIMINARES SOBRE A INFLUÊNCIA DOS PREFEITOS NA ELEIÇÃO AO GOVERNO ESTADUAL DA BAHIA EM 2022

Governmentalism on the scene: preliminary notes on the influence of mayors in the election for the Bahia state government in 2022

Raquel Florence de Carvalho
Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, Brasil

Cláudio André de Souza
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, Bahia, Brasil

Humberto Dantas de Mizuca
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), São Paulo, Brasil

Informações do artigo

Recebido em 05/01/2023
Aceito em 12/04/2023
doi>: https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022.n257.p513-542

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Como ser citado (modelo ABNT)

CARVALHO, R. F.; SOUZA, C. A.; DANTAS, H. O governismo em cena: notas preliminares sobre a influência dos prefeitos na eleição ao Governo estadual da Bahia em 2022. **Cadernos do CEAS**: **Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 48, n. 257, p. 513-542, jan./abr. 2023. DOI: https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022.n257.p513-542

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o peso e a prevalência do apoio de prefeitos para a eleição de governadores, com ênfase no caso do estado da Bahia em 2022. Para isso, será analisado tal apoiamento realizado por meio de dados primários decorrentes de mapeamento feito ao final das convenções partidárias e resultado nas urnas em primeiro e segundo turno nas eleições no estado. A conclusão com base no levantamento feito com os 417 prefeitos baianos é a de que o apoio dos líderes municipais pode ser um fator importante em uma eleição a governador. Ademais, é fundamental nas estratégias eleitorais por parte das candidaturas a governador, sobretudo em uma eleição extremamente equilibrada. No entanto, a despeito das coligações formais para o cargo de governador, as posições dos partidos não são, necessariamente, seguidas por seus prefeitos, muitos impactados pela força do pleito federal e/ou pela lógica governista do peso do partido do governador na ordem estadual junto aos prefeitos.

Palavras-Chave: Prefeitos. Eleições 2022. Bahia. Governo. Influência eleitoral.

Abstract

The objective of this article is to analyze the weight and prevalence of mayoral support for the election of governors, with emphasis on the case of the state of Bahia in 2022. For this, such support will be analyzed through primary data resulting from mapping carried out to the end of party conventions and results at the polls in the first and second rounds in state elections. The conclusion based on the survey carried out with the 417 mayors of Bahia is that the support of municipal leaders can be an important factor in a gubernatorial election. Furthermore, it is fundamental in the electoral strategies of candidates for governor, especially in an extremely balanced election. However, despite the formal coalitions for the office of governor, the positions of the parties are not necessarily followed by their mayors, many impacted by the strength of the federal election and/or by the government logic of the weight of the governor's party in the state order. with mayors.

Keywords: mayors. Elections 2022. Bahia. Government. Electoral influence.

INTRODUÇÃO

A eleição de 2022 representa a acentuação expressiva de um capítulo intenso da política brasileira. Em nível nacional, foi possível observar uma disputa marcada pela significativa polarização eleitoral em torno de dois projetos vistos como bastante distintos. De um lado, a campanha capitaneada pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro (PL) em busca da reeleição, de outro, um novo projeto petista na busca pelo terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Sem entrarmos no mérito do que cada campanha representou, de um lado foi possível observar uma aliança formada por partidos considerados à direita no espectro ideológico em apoio a Bolsonaro (PL), formalmente coligados em torno de uma chapa pura do Partido Liberal, com o incumbente e seu vice, o general Walter Braga Netto, apoiados por Progressistas e Republicanos. Por sua vez, mesmo buscando sinalizar ao centro com a filiação do ex-governador paulista Geraldo Alckmin ao PSB, depois de décadas no PSDB, e sua inclusão na chapa de Lula na qualidade de vice-presidente, a principal coligação de oposição conquistou, formalmente e principalmente, o apoio de legendas à esquerda: PT, PCdoB e PV, unidos em federação partidária, PSOL e Rede, também federalizados, bem como PSB, Solidariedade, Avante e Agir – sobre a classificação dessas três últimas agremiações podem pairar dúvidas, mas o núcleo do acordo em torno de Lula representa fortemente a esquerda, sendo relevante para tal debate a percepção de autores como Miguel (2010), Machado (2016), entre outros.

O nível de polarização, a despeito de possíveis debates a serem promovidos em torno do uso desse termo, foram os mais acentuados da história do país desde a redemocratização. Indicadores agregados de pesquisas eleitorais podem ilustrar tal afirmação. Utilizando-se de médias móveis de seis levantamentos realizados por 15 diferentes institutos, Bolsonaro e Lula somavam, já em janeiro de 2022, dois terços das intenções totais de voto, chegando a três quartos no início de maio e oscilando entre este patamar e 80% entre agosto e a data do primeiro turno. Em votos válidos, isso significou uma variação em médias móveis de seis estudos entre 75% e 85% entre janeiro e início de outubro. Nas urnas, os dois candidatos somados tiveram mais de 91% dos votos válidos em primeiro turno, algo semelhante apenas a 2006, quando a verticalização imposta pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) estimulou o distanciamento formal de seis das dez maiores legendas do Brasil do pleito presidencial, o

que findou por concentrar as intenções eleitorais, nas urnas e nas pesquisas, em torno de Lula (PT) e Geraldo Alckmin, então ainda filiado ao PSDB (MARCHETTI & DANTAS, 2016).

Para além da votação, salienta-se que a polarização também ocorreu em relação a uma exagerada, e até então inédita nesses parâmetros, rejeição aos dois principais nomes no pleito. Utilizando-se do mesmo método de médias móveis de seis estudos, Lula oscilou entre 39% e 44% de "não votaria de jeito nenhum" entre janeiro e outubro, enquanto Bolsonaro ficou entre 61% e 48% no mesmo período. O resultado do primeiro turno trouxe algo pouco capturado pelas pesquisas, com o candidato à reeleição atingindo 43% dos votos válidos e seu principal adversário superando 48%. A partir de então, as pesquisas de segundo turno mostraram realidade ainda mais intensificada: na véspera do segundo turno Lula tinha média de 49% de votos nas pesquisas, contra 45% de Bolsonaro, e as rejeições apresentavam 46% para o petista e 50% ao presidente. O pleito de 2014, até então o mais equilibrado da história recente do país, teve Dilma Rousseff e Aécio Neves com rejeições inferiores a 43% e votações acima de tal percentual.

Diante deste cenário nacional, as disputas estaduais trouxeram características semelhantes em diversas unidades federativas do país. Lula e Bolsonaro protagonizaram alguns embates adaptados às realidades locais, mas o que mais se viu nos pleitos para governador foram os seguintes marcadores: reeleição e a vitória de nomes vinculados a partidos de centro-direita. Entre governadores escolhidos extemporaneamente ao longo do mandato, vices elevados ao cargo de titulares do Poder Executivo estadual e incumbentes que buscavam mais um mandato em relação aos resultados do pleito de 2018, foi possível observar 18 casos, ou seja, dois terços dos estados brasileiros tiveram reeleição. Em outras quatro unidades, o grupo político do governador eleito em 2018 foi mantido no poder, sob a indicação, principalmente, de ex-secretários e/ou parlamentares pertencentes ao grupo político do mandatário, totalizando 22 unidades. Assim, em apenas cinco estados houve mudança de grupo no comando estadual, e apenas dois governadores em exercício de cargo disputaram a eleição e não foram reeleitos.

Em termos ideológicos, legendas como União Brasil, Progressistas, PL, Republicanos e PSD, classificadas quase que consensualmente na Ciência Política à direita, ficaram com doze estados (55%), e somadas a MDB e PSDB, consideradas ao centro, chegamos a dezenove unidades, ou 70% do total. Na Bahia, o cenário de disputa do governo seguiu

marcado pela polarização entre o grupo carlista/pós-carlista vinculado à figura do ex-senador Antônio Carlos Magalhães (SOUZA, 2021), hoje liderado por seu neto, ACM Neto (Pereira, 2017), e o PT que governava o estado há 16 anos. O controle do Executivo estadual manteve-se com o grupo carlista por quarenta anos até 2006, quando Jaques Wagner (PT) foi eleito governador. Em 2010, o petista se reelegeu, respaldando a vitória de Rui Costa (PT) como sucessor em 2014, reeleito em 2018, concluindo em 2022 seu segundo mandato em uma gestão bem avaliada pela população[1].

Borges (2010) promove uma análise dessa mudança de grupo político à frente do governo baiano a partir de 2006 e pontua fatores centrais que ancoraram tal alteração. Em caráter local houve, segundo o autor, uma mudança no arranjo das coligações estaduais influenciada pela boa avaliação do primeiro mandato do presidente Lula (PT). Esse novo arranjo contou com partidos menores, o que permitiu que houvesse uma disputa menos desigual frente uma estrutura político-partidária-eleitoral bem consolidada pelo carlismo. A implementação de um novo projeto de poder e a identificação deste por parcelas da sociedade fortaleceram o voto baseado nos interesses políticos individuais e ideológicos. O resultado consequente deste cenário foi uma votação muito expressiva do PT em municípios com mais densidade demográfica, conseguindo superar a votação nos pequenos municípios baianos.

Embora após 2014 o PT tenha atravessado uma profunda crise política, com a Operação Lava Jato e, consequentemente, a queda da ex-presidente Dilma Roussef (PT) em 2016, a prisão do ex-presidente Lula em 2018 e a eleição de Jair Bolsonaro, o partido conseguiu se manter à frente do governo baiano, bem como em diversos estados da Região Nordeste. Se nacionalmente a eleição de 2022 foi marcada pela oposição de dois projetos distintos, protagonizada pela polarização radicalizada entre Bolsonaro e Lula, na Bahia a disputa entre essas duas narrativas não se reproduziu de maneira tão fiel. O representante mais evidente do bolsonarismo no estado foi o candidato a governador João Roma (PL), que

[1] Sobre a avaliação do Governo Rui Costa em 2022, pesquisa Atlas Intel publicada em 15 out. 2022, a aprovação do governo ficou em 58,5%, pesquisa Disponível em: https://atarde.com.br/politica/eleicoes/eleicoes-estaduais/atlasatarde-governador-rui-costa-tem-gestao-aprovada-por-585-1209024. Acesso em: 07 nov. 2022. E pesquisa Datafolha 48% de aprovação, 32% de regular, Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/09/21/datafolha-48percent-aprovam-gestao-do-governador-rui-costa-na-bahia-17percent-reprovam.ghtml. Acesso em: 07 nov. 2022.

junto a ACM Neto (UB) e Jerônimo Rodrigues (PT) compuseram as três principais candidaturas competitivas no estado.

Algo semelhante se deu em outros tantos estados. Em São Paulo, por exemplo, observou-se o bolsonarismo representado por Tarcísio de Freitas (Republicanos), o petismo por Fernando Haddad (PT) e a terceira força pelo então governador Rodrigo Garcia (recém-chegado ao PSDB depois de anos no hoje União Brasil). A diferença é que a despeito de possuir uma potente máquina estadual, a estratégia tucana de não entrar na polarização entre petistas e bolsonaristas fez do governador um "terceiro elemento" da disputa que sequer foi ao segundo turno. Na Bahia, por sua vez, é o candidato bolsonarista quem fica de fora da segunda rodada eleitoral, com uma divisão de votos extremamente concentrada entre ACM Neto (UB – 40,8% dos votos), cotado para vencer o pleito em primeiro turno durante boa parte de 2022 de acordo com expressivo volume de pesquisas, e Jerônimo Rodrigues (PT – 49,5%), representante de um bem avaliado projeto de poder de 16 anos que contava com o apoio de Lula, que teve no estado sua segunda maior votação percentual em primeiro e segundo turnos, atrás apenas do Piauí.

As razões capazes de explicar a vitória do PT na Bahia, ou a derrota de ACM Neto, são diversas e costumam ser apresentadas em análises publicadas, principalmente, pela imprensa e por relatórios de consultorias. Na Ciência Política, assim como em carreiras correlatas, também não são incomuns avaliações desse tipo. O objetivo desse artigo, assim, está concentrado no caso específico do pleito para o Poder Executivo baiano de 2022 especificamente sob uma variável central: *a tentativa de compreensão do impacto do apoio dos prefeitos das cidades baianas aos principais nomes que buscavam conquistar o Palácio de Ondina.* Tal fato se justifica pela "guerra" protagonizada, principalmente, entre Jerônimo e Neto em torno de apoios formais de mandatários municipais aos seus nomes, bem como ao peso de legendas como PSD, PP e MDB a tais candidaturas, a despeito de o partido de Jerônimo ser o PT e o de Neto ser o União Brasil.

Assim, primeiro buscaremos compreender de forma preliminar as condições de competição política na Bahia nas eleições de 2022, enfatizando o peso do que poderemos chamar de "governismo vertical" através do apoio dos prefeitos aos candidatos a governador, assim como compreendendo as estratégias eleitorais dos candidatos, levando em consideração o contexto nacional.

O trabalho será estruturado em quatro partes para além desta introdução: a primeira traz uma breve discussão de alguns aspectos teóricos que busca relacionar as eleições municipais e os pleitos estaduais, sem o intuito de esgotar tal debate para, assim, discutir a competição eleitoral observada na política baiana nos últimos anos com foco no cenário de 2022. A segunda parte analisa a força do "governismo vertical" a partir de um levantamento realizado pelos autores entre julho e agosto de 2022 nas redes sociais e na imprensa, catalogando a posição de todos os 417 prefeitos dos municípios baianos.

Na terceira parte, o trabalho analisa alguns aspectos importantes para a vitória de Jerônimo Rodrigues (PT) ao governo do estado com ênfase nos resultados conquistados nas cidades relacionados aos apoios declarados dos prefeitos. Por fim, separadamente, apresentaremos nossas conclusões. Partimos da hipótese de que o partido do governador e as principais forças políticas do estado, e mesmo algumas lideranças nacionais, exercem sobre os prefeitos uma atração estratégica nos pleitos estaduais, a despeito de alguns mandatários municipais desrespeitarem o alinhamento estadual de suas legendas. Ademais, tais apoios dos prefeitos são disputados e, em alguma média, estratégicos para os resultados finais do pleito para governador – ao menos na Bahia em 2022.

PREFEITOS, A ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR E A ÊNFASE NA COMPETIÇÃO ELEITORAL NA BAHIA

Alguns esforços da Ciência Política buscam trazer a relevância do partido do governador para as eleições municipais majoritárias em cada estado brasileiro. O intuito aqui não é esgotar esse debate, mas minimamente localizar alguns achados. Dantas (2007; 2009) já indicava a relevância do partido do governador para a compreensão das coligações e das conquistas de municípios em pleitos majoritários locais. Para o autor, quanto mais tempo no controle de um estado, maiores as chances de uma legenda ter desempenho expressivo na conquista de prefeituras.

O PFL (hoje União Brasil) na Bahia, por exemplo, chegou a conquistar dezenas de cidades do estado nos pleitos de 2000 e 2004, depois de manter o governo com seu grupo político em 1998 e 2002 – algo que já durava décadas. Nesse período, de 2000 a 2004, a legenda esteve presente em mais de 95% das cidades, ao menos, apoiando candidaturas para

prefeito, destacando-se o fato de encabeçar chapas em mais de 60% do total de municípios e conquistando mais de 30% das cidades baianas nas duas eleições. Diante desses argumentos, parece haver uma frágil ordem partidária nacional e a presença de 26 ordens locais que se apresentariam de formas distintas, fortalecidas em torno do governador e sua base, contra a oposição (Dantas, 2007).

A força do governador é reiterada por Nascimento et.al. (2016) em uma análise de 92 municípios em 2016. Os autores percebem, mesmo que de forma declaradamente incipiente, que o apoio dos governadores exerce efeito sobre a votação de candidatos às prefeituras. Por sua vez, em um desafio semelhante, mas não exatamente associado à performance eleitoral, Vasquez et.al. (2021) indicam que ter o partido do governador na aliança do prefeito eleito, na condição de cabeça de chapa ou compondo a coligação vencedora, eleva o potencial de apoio legislativo no nível local.

Tais achados são relevantes, mas o intuito maior desse trabalho é tentar compreender o que poderíamos chamar de lógica inversa em termos de respaldo: o quanto o apoio eleitoral de prefeitos poderia impactar a vitória de candidatos ao governo dos estados? A bem da verdade, a resposta para tal questão não será oferecida aqui, mas sim um primeiro ensaio sobre o mapeamento do posicionamento de prefeitos em relação às disputas governamentais, com enfoque exclusivo no caso da Bahia, e como tais comportamentos poderiam interferir na performance dos principais nomes que disputaram o cargo de governador em 2022.

Conjunturalmente, e observando o pleito estadual mais recente, não surpreendeu o mundo político o fato de ACM Neto antecipar-se para lançar a sua pré-candidatura ao governo da Bahia na primeira semana de dezembro de 2021[2]. Naquele momento, o ex-prefeito de Salvador buscava mobilizar apoiadores do campo de oposição ao governo estadual, mas sem reeditar uma polarização antipetista como em disputas anteriores. Uma estratégia se fez necessária: criticar o governo estadual, mas sem confrontar nominalmente

[2] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/acm-neto-lanca-pre-candidatura-ao-governo-da-bahia-recuperar-tempo-perdido/. Acesso em: 07 nov. 2022.

os petistas e o ex-presidente Lula, que lideram os votos a presidente na Bahia desde as eleições de 2002[3].

Em evento ocorrido em Salvador (BA), o ex-prefeito lançou uma nova versão do *jingle* antológico do seu avô Antônio Carlos Magalhães (ACM) usado na campanha a governador de 1990[4]. Este gesto simboliza a trajetória de uma carreira política totalmente vinculada à lógica familiar, que lançara ACM Neto nas urnas pela primeira vez como deputado federal nas eleições de 2002, após a morte precoce do deputado federal Luís Eduardo Magalhães (PFL). Para Souza (2021), o trágico falecimento do ex-presidente da Câmara dos Deputados em abril de 1998 interrompeu uma linhagem sucessória prevista no núcleo principal do carlismo, levando ACM a projetar seu neto para herdar a carreira do tio:

> [...] cinco meses depois de perder o seu herdeiro natural na política, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL) está preparando e orientando um neto para manter a família Magalhães na vida pública. Antonio Carlos Magalhães Neto, 19, coordena a "Força Jovem" da coligação "Luís Eduardo Magalhães" (PFL, PMDB, PL, PTB, PPB, PT do B, PRN, PSC). Ele é filho de Antonio Carlos Magalhães Júnior, o presidente da Rede Bahia de Comunicação. Somente nos últimos dois meses, Antonio Carlos Magalhães Neto visitou 40 municípios, acompanhando a chapa majoritária do partido a sucessão estadual. Além de acompanhar os candidatos ao governo e ao Senado, ACM Neto discursa em quase todas as visitas. "Procuro passar aos jovens a importância de uma participação ativa na política." "Nosso grupo tem a função de levar os ideais do PFL a juventude", diz o neto de ACM, aluno do segundo ano de direito na UFBa (Universidade Federal da Bahia). Há pouco mais de um mês, Antonio Carlos Magalhães Neto foi escolhido para fazer o discurso de saudação ao presidente Fernando Henrique Cardoso, que visitou a Bahia em campanha política. O discurso de ACM Neto, como é chamado pelos amigos, foi assistido por cerca de 5.000 pessoas que lotaram o Centro de Convenções. Além do próprio ACM, o único integrante da família com mandato eletivo na Bahia é o deputado estadual Paulo Magalhães (sobrinho do presidente do Senado). Na vida pública desde o início da década de 50, a família Magalhães teve mais dois representantes: Angelo Magalhães (deputado federal que não conseguiu se reeleger em 94) e Luís Eduardo Magalhães, morto no último dia 21 de abril. Filho do senador Antonio Carlos Magalhães, Luís Eduardo era o candidato do PFL ao governo. Angelo Magalhães, irmão de ACM, é diretor do Desenbanco (Banco de Desenvolvimento da Bahia). O outro irmão de ACM que exerce função política na Bahia é José Maria de Magalhães Neto, atual secretário estadual da Saúde. "Em algumas viagens, contei com a companhia de meu primo Luís Eduardo Magalhães Filho", disse. O primo, 16, é filho do deputado Luís Eduardo Magalhães. Para ACM Neto, a importância do avô em

[3] Nesse caso, em especial, é relevante salientar que de acordo com critérios que determinavam as forças partidárias estaduais, Dantas (2007) aponta que o resultado do pleito para governador em 1998 na Bahia fazia do então PFL uma das raras forças partidárias hegemônicas estaduais no Brasil, sendo o caso do Maranhão, à ocasião, o outro exemplo com o mesmo PFL. Em 2002, entretanto, os pleitos estaduais já trariam outra situação para a realidade vivida em 2004. Na Bahia, utilizando critérios descritos na obra, o autor percebe que as forças políticas passam a se dividir em dois blocos, encabeçados justamente por PT e PFL, algo que tem sido notado desde então nas disputas locais.

[4] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4j_Vy4z2vAE. Acesso em: 07 nov. 2022.

> sua formação política é "total". "Meu avô é o maior político do Brasil e tenho o privilégio de aprender muito com ele." ACM Neto costuma se encontrar pelo menos uma vez por semana com o avô. "Meu avô é muito exigente e sempre pergunta se eu estou indo bem nos estudos." Para ACM Neto, a atividade política que passou a desenvolver com mais intensidade no começo do ano não está prejudicando sua vida pessoal. "Viajo muito, mas também tenho tempo suficiente para namorar e estudar." Ele mantém suspense sobre uma eventual candidatura a Assembléia da Bahia, em 2002. "As coisas estão caminhando para isso, mas não posso fazer previsões." (Folha de São Paulo, Caderno Eleições, p.6, 30/09/1998)[5]

Vale lembrar que ACM Neto afirmou reiteradas vezes ao longo da campanha que se preparou a "vida inteira para esse momento, esperei toda a minha vida por essa campanha."[6] Desta maneira, o herdeiro do carlismo representa um projeto de continuidade de poder de sua família e do grupo político ao qual pertence. Assim, o que poderia se chamar de *pós-carlismo* deve ser entendido como a temporalidade associada a um fenômeno de representação política diante da ascensão de uma nova liderança em um novo contexto institucional e político.

Conforme Pereira (2017) analisa, ACM Neto é o herdeiro político desse fenômeno, "desde o início" preparado para assumir o lugar do avô. O carlismo caracterizou-se pela defesa de um modelo de desenvolvimento neoliberal em que combina modernidade e tecnocracia com uma política de gestão verticalizada (de cima para baixo), somado a um projeto de identidade discursiva regionalista na defesa do "Melhor para a Bahia" e com "Amor pela Bahia". Todos esses aspectos foram exaustivamente explorados pela campanha de ACM Neto ao governo em 2022. Por fim, Pereira também defende que é característica do avô e do neto terem influência nacional, para além do poder regional.

ACM Neto destacou-se nos meses que antecederam a disputa eleitoral em suas articulações nacionais. Em 2021, a disputa pela eleição da presidência da Câmara dos Deputados se deu internamente no Democratas (DEM) no rompimento entre os até então amigos e aliados ACM Neto e Rodrigo Maia. Enquanto Maia buscava organizar sua sucessão a partir de uma candidatura mais independente ao governo Jair Bolsonaro, Neto interveio

[5] Matéria escrita por Luís Francisco, na Folha de São Paulo, e disponível no acervo de clipping do Senado Federal: <http://www.senado.leg.br/noticias/OpiniaoPublica/inc/senamidia/historico/1998/9/zn093037.htm> Acesso em: 19 mar. 2021.

[6] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y7jxwZ8LzZE. Acesso em: 07 nov. 2022.

pela permanência dos deputados de seu partido na base do governo. Essa briga culminou com a expulsão de Rodrigo Maia do partido como resultado de uma articulação do ex-prefeito, então presidente nacional do Democratas.[7] Posteriormente, no final de 2021 e início de 2022, ACM Neto participou da articulação para a fusão do DEM com o Partido Social Liberal (PSL), legenda que elegeu Bolsonaro e o viu sair para fundar o seu próprio partido, algo que fracassou no recolhimento de assinaturas e abertura formal do processo de criação do "Aliança pelo Brasil".

A intenção de Neto era formar o maior partido do país e, assim, também receber a maior fatia dos fundos partidário e eleitoral[8]. As articulações começaram em meados de 2021, e a fusão foi aprovada pelo TSE em fevereiro de 2022[9], criando formalmente o União Brasil (UB). A fusão entre as legendas garantiu a ACM Neto um novo partido com recorde de recursos do Fundo Eleitoral, o que o fez ter acesso a uma boa parte da verba pública. Esta movimentação nacional para a obtenção de dinheiro público e apoios para sua candidatura na base do governo Bolsonaro gerou também um opositor. ACM Neto indicou[10] em 2021 o deputado federal João Roma (Republicanos), antigo assessor e aliado, para ser ministro de Bolsonaro. Porém, desistiu da indicação, dando indícios de que receava fortalecer a liderança do aliado na política baiana diante da ocupação de um cargo de destaque nacional. Com a indicação de João Roma ao cargo de Ministro da Cidadania e o aceite do político ao cargo com o aval decisivo de partidos da base governista e do centrão no Congresso Nacional, Neto se manifestou repudiando a nomeação. Como consequência, João Roma e ACM Neto tornaram-se mais do que adversários políticos, mas rivais e antagônicos para as eleições de 2022.

A estratégia de neutralidade em relação ao pleito nacional e o descolamento da imagem de ACM Neto com Bolsonaro havia deixado o então presidente sem palanque na

[7] Disponível em https://www.poder360.com.br/congresso/expulso-do-dem-maia-diz-que-acm-neto-e-vice-perfeito-para-bolsonaro/, Acesso em: 07/11/2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dgeavWQ1xeQ. Acesso em: 07 nov. 2022.
[8] Disponível em https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/acm-neto-diz-que-fusao-dem-psl-busca-formar-maior-partido-do-brasil. Acesso em: 07 nov. 2022.
[9] Disponível em https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/tse-aprova-registro-do-partido-uniao-brasil. Acesso em: 07 nov. 2022.
[10] Disponível em https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/maia-twitter-acm-neto-joao-roma/. Acesso em: 10 nov. 2022.

Bahia[11]. A liderança de João Roma como Ministro da Cidadania foi estratégica para a campanha de Bolsonaro. Roma mudou para o partido de Bolsonaro, o Partido Liberal (PL)[12], e passou a ser apresentado como o ministro de Bolsonaro responsável pelo Auxílio Brasil, um programa de transferência de renda que foi turbinado para fins eleitorais, um "mix" entre o Bolsa Família e o Auxílio Emergencial, criado no início da pandemia de Covid-19[13].

O ex-ministro de Bolsonaro e candidato do PL buscou isolar ACM Neto durante a campanha de primeiro turno. O discurso era o de que a disputa na Bahia era também entre os projetos de Bolsonaro, representado por ele, e o do PT, simbolizado por Jerônimo Rodrigues. Porém, a candidatura do ex-ministro foi fundamental para a ida de ACM Neto para o segundo turno. Na primeira rodada, Jerônimo obteve 49,45% dos votos validos, ACM Neto 40,80% e João Roma 9,08%[14]. Seguindo a lógica da proximidade de projetos eleitorais e ideológicos poderíamos afirmar que esses votos que foram para Roma tinham chances mais expressivas de migrarem para Neto em uma disputa sem o representante bolsonarista, viabilizando a sua corrida pela vitória ao governo baiano em primeiro turno.

No entanto, nada parece tão exato a ponto de não podermos intuir que ao menos um nono dos votos de Roma poderia migrar para o candidato do PT, dando a vitória para Jerônimo em primeiro turno. Ademais, o que vimos de movimentação política no segundo turno baiano não confirma esse pensamento. Alguns prefeitos que apoiaram João Roma, por exemplo, declararam apoio a Jerônimo, até mesmo prefeitos do Partido Liberal[15]. Porém, não é possível afirmar também que os votos não iriam para ACM Neto, já que também houve evasão de apoios em sua base[16].

---

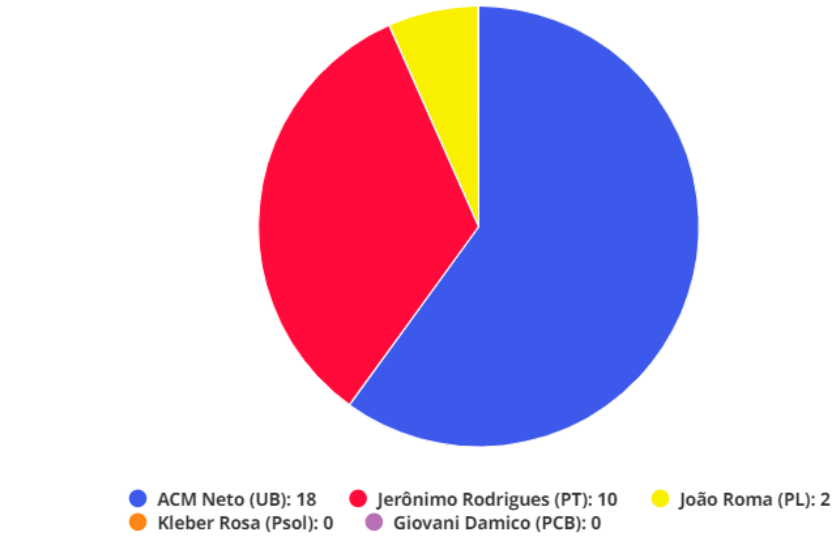
[11] Disponível em https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/17/falta-de-palanque-trava-presidente-na-ba.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2022.
[12] Disponível em https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/03/25/joo-roma-oficializa-filiao-ao-pl-para-disputar-governo-da-bahia.ghtml, Acesso em: 10 nov. 2022.
[13] Disponível em https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/06/30/pec-que-amplia-auxilio-brasil-em-ano-eleitoral-e-passar-a-perna-na-lei-diz-especialista.ghtml, Acesso em: 10 nov. 2022.
[14] Disponível em https://www.estadao.com.br/politica/ba-jeronimo-e-acm-neto-vao-disputar-eleicao-para-governador-no-segundo-turno/, Acesso em: 21 nov. 2022.
[15] Disponível em https://atarde.com.br/politica/eleicoes/em-convencao-prefeitos-do-interior-declaram-apoio-a-jeronimo-1201959, https://politicaaovivo.com/aliado-de-roma-no-1o-turno-patriota-declara-apoio-a-jeronimo-rodrigues/, https://politicalivre.com.br/2022/10/ex-aliado-de-roma-prefeito-de-serrinha-anuncia-apoio-a-jeronimo/#gsc.tab=0 Acesso em: 21 nov. 2022.
[16] Disponível em https://www.redebrasilatual.com.br/politica/debandada-na-bahia-prefeitos-abandonam-acm-neto-e-se-aliam-a-jeronimo-rodrigues-300-deles-ja-estao-com-o-petista/. Acesso em: 21 nov. 2022.

Assim como buscou uma forte articulação nacional para fortalecer a candidatura, ACM Neto investiu em uma forte coalizão no estado. Para isso, negociou os cargos de vice-governador e senador com os partidos aliados, anunciando sua chapa já no limite do tempo regulamentar. Para vice-governador foram aventados o então deputado federal Marcelo Nilo[17] (Republicanos) e Zé Ronaldo (UB)[18], ex-prefeito de Feira de Santana, o segundo maior município baiano. Ambos demonstraram decepção com a suposta quebra dos acordos partidários para que ocupassem a vaga. Assim, a escolhida ao cargo de vice foi a empresária e CEO da TV Aratu (afiliada do SBT) Ana Coelho (Republicanos), sobrinha do ex-governador baiano e atual prefeito de Guanambi, Nilo Coelho (UB). Para a vaga ao senado, a estratégia de ACM Neto foi se aproximar do então vice-governador da Bahia, João Leão (PP). Uma articulação bem sucedida, que visava fortalecer seu grupo com a incorporação de um dos partidos com a maior quantidade de prefeituras da Bahia e também desarticular a aliança PT-PP-PSD, considerada como receita de sucesso à permanência do PT no governo estadual nos últimos anos. Vale lembrar aqui, que a ruptura do PP com os petistas veio depois do anúncio de Jaques Wagner de que o governador Rui Costa permaneceria no cargo, frustrando João Leão no interesse de assumir o governo baiano para a conclusão do mandato até o final de 2022 a partir de possível candidatura de Rui Costa (governador do PT) ao cargo de senador.

A disputa pelo apoio dos prefeitos baianos passou, assim, a ter o protagonismo na disputa eleitoral. Enquanto as campanhas faziam uma verdadeira corrida pelo interior do estado, nas falas públicas os candidatos faziam questão de demonstrar força. Sobre esses apoios, ainda na pré-campanha, o Portal G1 Bahia chegou a fazer um gráfico mostrando a vantagem de adesões a ACM Neto nos municípios mais populosos, conforme o Gráfico 1[19].

[17] Disponível em https://politicalivre.com.br/2022/08/apos-confirmar-que-nao-sera-vice-de-neto-nilo-divulga-video-emocionado-momento-dificil-na-minha-vida/#gsc.tab=0, Acesso em: 10 nov. 2022.
[18] Disponível em https://atarde.com.br/politica/eleicoes/ze-ronaldo-se-revolta-apos-ser-preterido-a-vice-na chapa-de-neto-1202408, Acesso em: 10 nov. 2022.
[19] Disponível em https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/07/12/pre-candidatos-ao-governo-da-ba-disputam-apoios-de-prefeitos-acm-neto-tem-mais-apoiadores-entre-as-30-maiores-cidades-do-estado.ghtml, Acesso em: 21 nov. 2022.

Gráfico 1: Apoio de prefeitos das 30 maiores cidades a candidatos ao governo da Bahia.



Fonte: g1

Apesar do apoio da maioria dos prefeitos das grandes cidades baianas, ACM Neto passou a afirmar que havia mais de 200 prefeitos o apoiando[20]. Ademais, passou a divulgar em suas redes sociais declarações diárias de apoios de prefeitos e lideranças locais. Surpreendentemente, o principal adversário de Neto fazia as mesmas afirmações, sendo que a pré-campanha de Jerônimo nas redes sociais e no contato com a imprensa passou a afirmar ter mais de 300 prefeitos que marchariam ao lado da sua candidatura[21]. A "queda de braço" de quem possuía mais governantes locais, dessa forma, seguiu por um tempo sem que se soubesse ao certo quem estava falando a verdade e quem estava "blefando". Assim, nitidamente, os 417 prefeitos e prefeitas da Bahia estavam no centro das estratégias eleitorais para a disputa estadual.

E foi este ponto da campanha que motivou o mapeamento de dados que está sendo apresentado neste artigo e os seus desdobramentos, destacando que esse tipo de arranjo de dados carece de dois pontos relevantes na Ciência Política: ele não costuma ser feito

[20] Disponível em https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/acm-neto-ja-soma-o-apoio-de-cerca-de-200-prefeitos-na-disputa-para-governador/. Acesso em: 21 nov. 2022.
[21] Disponível em https://atarde.com.br/politica/eleicoes/campanha-de-jeronimo-ja-conta-com-apoio-de-mais-de-300-prefeitos-1201453. Acesso em: 21 nov. 2022.

regularmente e, muito menos, em todos os estados; e não saberemos dimensionar com precisão o impacto de tais apoiamentos para o resultado final das eleições. Esforços existem no sentido de compreender estratégias em eleições estaduais e municipais de forma intercalada em biênios, como buscam mostrar, por exemplo, Graça e Souza (2014).

O GOVERNISMO DOS PREFEITOS BAIANOS

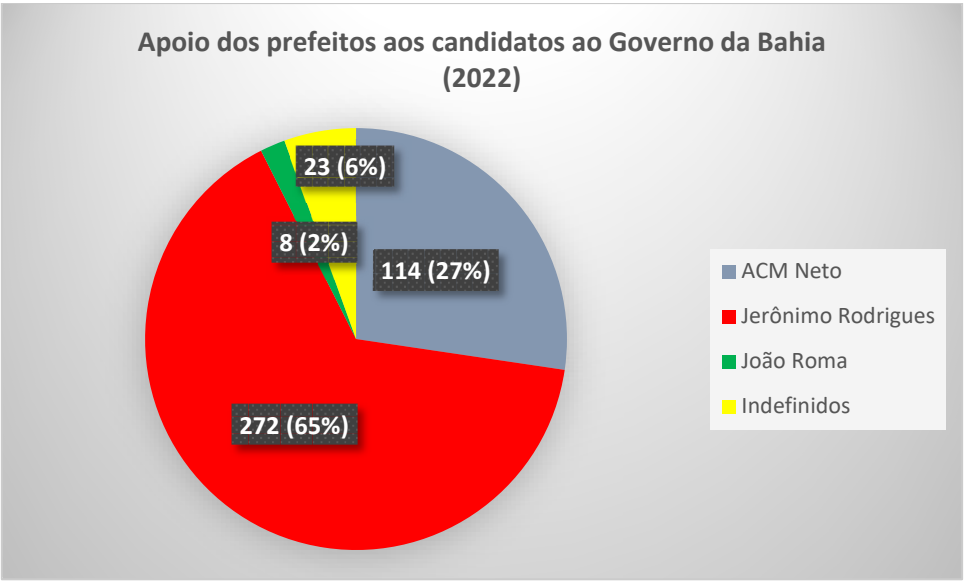
A despeito do impacto do apoio de prefeitos para candidatos a governador, existe algo certo: reforçamos que no pleito baiano de 2022 houve uma disputa ao estilo "queda de braço" entre os dois principais postulantes ao Palácio de Ondina em torno dos mais de 400 mandatários dos executivos locais. Os dois grupos politicamente mais fortes do estado, caracterizados pelo PT e pela lógica carlista construída historicamente em torno do PFL-DEM-UB, dividiram preferências e, inclusive, racharam as bases de apoio de seus partidos aliados. Diante disso, cabe propor aqui a análise sobre a força de cada ator político no processo eleitoral.

Na arena estadual, o peso do que se poderia chamar de um "governismo vertical" parece pesar com intensidade diante de instituições subnacionais que dependem do acesso a recursos dos entes federativos estaduais e federal. Assim, prefeitos apostariam na oferta de apoio a candidatos que disputam cargos estaduais e federais estrategicamente dispostos a lhes cobrar a posteriori o emprego de recursos públicos em suas localidades em uma lógica que se retroalimenta (Dantas, 2007).

O caminho metodológico escolhido para realizar o que seria uma radiografia desse apoiamento foi contabilizar os apoios dos prefeitos que estavam sendo anunciados através de jornais, blogs, convenções e encontros de pré-campanha, mas principalmente, através das redes sociais (Facebook e Instagram) dos prefeitos dos 417 municípios da Bahia. O levantamento dos dados ocorreu entre 28 de julho e 05 de agosto de 2022. Neste período, aconteceu a convenção do PT na Bahia (30 de julho). Houve uma movimentação grande de repercussão nas redes sociais dos prefeitos através dos "stories" do Instagram - postagem de foto ou vídeo que fica disponível por 24 horas ao público. Essa movimentação nas redes facilitou o mapeamento e a checagem do apoio de prefeitos.

Os dados primários do mapeamento realizado mostraram que Jerônimo Rodrigues (PT) já possuía a maior parte das lideranças municipais, ou seja, tinha naquele momento 65% dos prefeitos baianos (Gráfico 2). O candidato petista somava 272 apoios, quase as 300 declarações que anunciara semanas antes. Já ACM Neto possuía 114 apoios, isto é, 27% dos prefeitos baianos declarando voto em sua candidatura, algo aquém de suas estimativas trazidas a público.

Gráfico 2 - Número total de apoio de prefeitos aos candidatos ao governo da Bahia.



Fonte: elaborado pelos autores.

Um primeiro ponto que merece atenção nesse resultado: se os números reais de apoio não coincidiam com os dados anunciados pelos candidatos, onde estaria o erro? Pode-se supor que houve uma estratégia de divulgação de números inflados para tensionar os prefeitos a se posicionarem favoravelmente a um determinado candidato. Porém, sem dúvidas, ACM Neto também contabilizava nas suas projeções o apoio de partidos de sua coligação, como o PP, que rompeu com o PT em 2022 depois de estarem juntos, inclusive, com a chapa de governador e vice eleita em 2014 e 2018. Dizia-se, assim, que ACM Neto

venceria o PT com o apoio do PP, contando com um "engajamento automático" dos prefeitos do partido[22].

Mas como podemos observar no Quadro 1, apenas quatro partidos mantiveram absoluta coerência entre o apoio dado por prefeitos às candidaturas apoiadas ou lançadas para o governo do estado – PT, Rede, Cidadania e PCdoB. Nesse quarteto, apenas o PT possui mais de quatro prefeitos (1% do total de cidades do estado), sendo os outros muito pequenos à luz da realidade estadual. Até mesmo o União Brasil, legenda de ACM Neto, teve três prefeitos que deram apoio a João Roma (PL), assim como a maioria dos mandatários filiados ao PL, legenda a qual o ex-ministro de Bolsonaro se filiou apenas no final de março de 2022, declarou simpatia ao PT, já que o PL baiano fez parte da base governista estadual antes de se tornar a legenda do então presidente da República.

Ademais, é importante verificar que o maior partido em número de prefeitos no estado é o PSD (Partido Social Democrático), com um total de 109 mandatários eleitos em 2020. A legenda tem na Bahia, como a sua principal liderança, o senador Otto Alencar, reeleito em 2022 na chapa do PT. Do seu total de prefeitos, 88 no período do mapeamento haviam manifestado apoio a Jerônimo Rodrigues, o que corresponde a 80,7% dos mandatários da legenda. Adicionalmente, manifestaram apoio a ACM Neto 15 prefeitos (13,8%), e não foi identificado no período do mapeamento a posição declarada de seis prefeitos (5,5%).

O segundo partido na Bahia em número de prefeitos é o PP (Progressistas) com 93 mandatários filiados. A maioria deles (ver Gráfico 3) apoiou Jerônimo Rodrigues e não ACM Neto, ao contrário do que se esperava por parte da campanha do ex-prefeito de Salvador e representante maior do carlismo que tinha a legenda formalmente em sua coligação. O vice-governador da Bahia, João Leão (PP), que aparecia como grande liderança do PP não foi capaz de garantir que os prefeitos de seu partido o acompanhassem na campanha ao governo do Estado[23], sendo que a partir de tal constatação enfrenta dificuldades para manter sob sua influência o partido que possui políticos interessados em retornar para a base aliada ao PT na

[22] Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/radar/pp-entrega-cargos-no-governo-do-pt-na-bahia-e-ja-negocia-com-acm-neto/, Acesso em: 22 nov. 2022.
[23] Disponível em: https://peleja.blog.br/no-pos-racha-prefeitos-do-pp-encontram-rui-e-declaram-apoio-a-jeronimo/, Acesso em: 22 nov. 2022.

Bahia, além do "flerte" de uma parte de sua legenda com o intuito de fazer parte da coalizão formal de Lula a partir de 2023[24].

Quadro 1 – Apoio declarado dos prefeitos por partido político, Bahia, 2022.

Partido/Apoio	Com quem estava aliado	ACM Neto	Jerônimo Rodrigues	João Roma	Indefinidos	Total Geral
Avante	Jerônimo	1	2	-	1	4
Cidadania	ACM Neto	1	-	-	-	1
MDB	Jerônimo	6	6		1	13
PCdoB	Jerônimo	-	16	-	-	16
PDT	ACM Neto	1	11		1	13
PL	Roma	5	12	1	1	19
Podemos	ACM Neto	-	3		1	4
PP	ACM Neto	29	55	1	8	93
PROS	Roma	1	5		-	6
PSB	Jerônimo	5	23		3	31
PSC	ACM Neto	-	1	2	-	3
PSD	Jerônimo	15	88		6	109
PSDB	ACM Neto	10	4		1	15
PT	Jerônimo	-	33	-	-	33
PTB	ACM Neto	-	3	-	-	3
Rede	Kleber	-	2	-	-	2
Republicanos	ACM Neto	2	6	1	-	9
Solidariedade	ACM Neto	1	2		-	3
União Brasil	ACM Neto	37	-	3	-	40
Total Geral		**114**	**272**	**8**	**23**	**417**

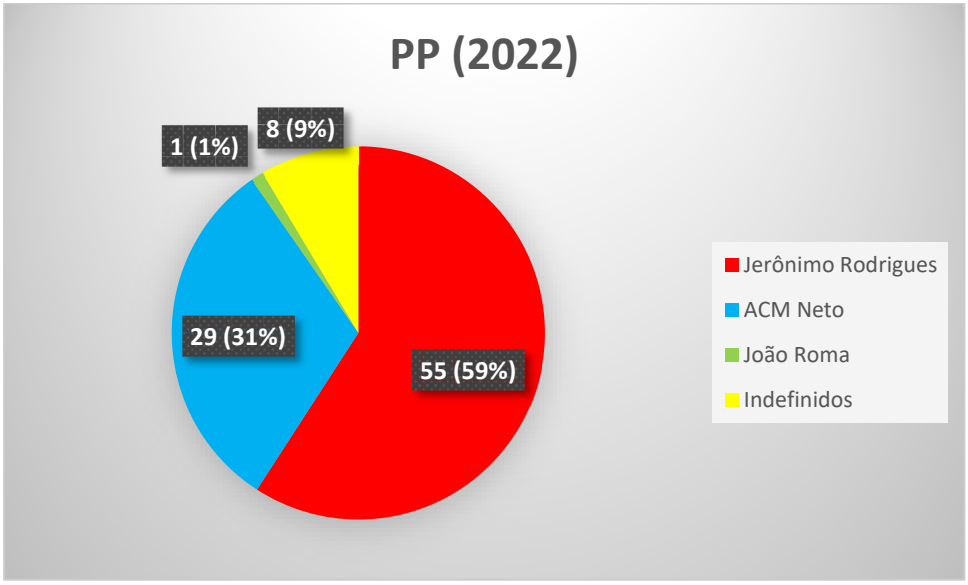
Fonte: elaborado pelos autores.

O mapeamento mostrou, assim, que dos 93 prefeitos do PP (Gráfico 3), 55 (59%) declararam apoio a Jerônimo na pré-campanha. Alinhados a ACM Neto apenas 29 (31%) e, ainda, um nome (1%) manifestou-se a favor de João Roma (PL), e 8 (9%) não haviam se

[24] Disponível em: https://politicalivre.com.br/2022/11/jeronimo-diz-que-atuacao-de-leao-dificulta-aproximacao-com-pp-mas-tem-buscado-dialogo-com-deputados/#gsc.tab=0. Acesso em: 22 nov. 2022.

manifestado publicamente até o período limite de realização da pesquisa. Já o MDB, partido do candidato a vice-governador Geraldo Júnior na chapa petista, ficou literalmente dividido entre a candidatura de Jerônimo e ACM Neto. Dos seus 12 prefeitos, seis apoiaram o representante do carlismo e outros seis o PT, a despeito de formalmente o MDB estar coligado ao PT.

Gráfico 3: Apoio dos prefeitos do PP aos candidatos ao governo da Bahia, 2022.

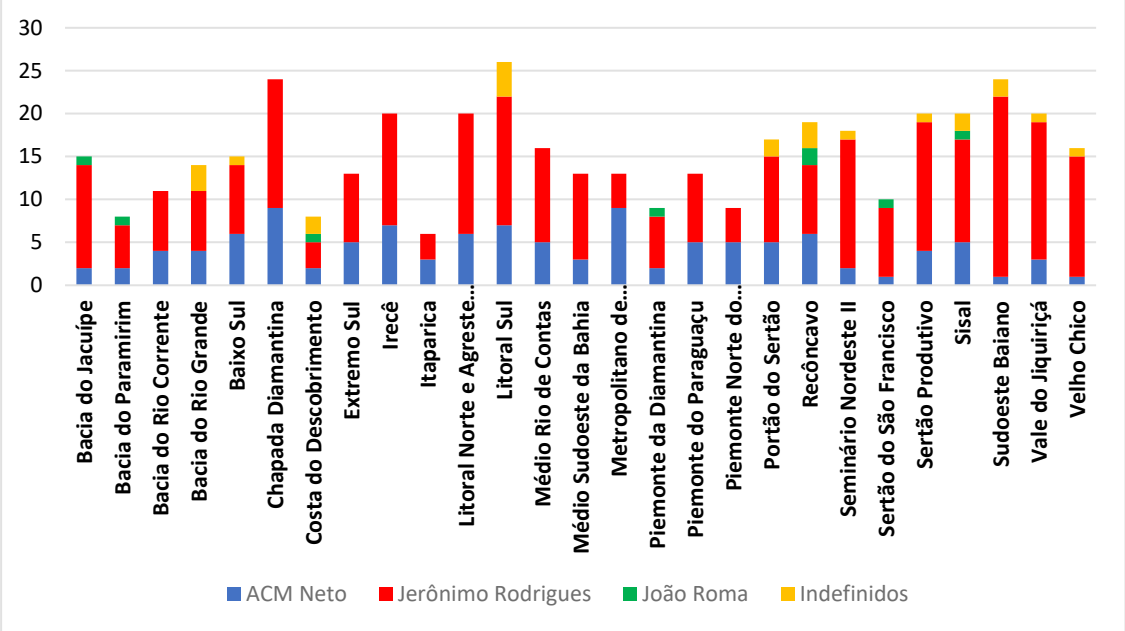


Partidariamente é possível notar que, entre as legendas mais relevantes do estado, exceção feita aos adversários PT e UB, o trio formado por PSD, PP e MDB não entregou aos candidatos a governador a totalidade de prefeitos que lhes poderiam pedir votos. Aqui caberia, a título de sequência nessa pesquisa, compreender se tais posturas renderam algum tipo de punição pela respectiva legenda, bem como se os prefeitos dissidentes do apoio de suas legendas aos postulantes mudaram de partido, uma vez que eleitos majoritariamente, de acordo com a lei, podem fazê-lo livremente.

Adiante nas análises, quando se observa o apoio de prefeitos categorizados a partir dos Territórios de Identidade (TI), identifica-se que o único território no qual ACM Neto possuía maior número de apoios na pré-campanha era no Território Metropolitano de Salvador (Gráfico 4), uma área com maior densidade populacional, além de manter uma dinâmica urbana totalmente ligada à capital baiana que ele governou por oito anos. No

restante dos TIs, a maior parte dos prefeitos declarou o apoio ao candidato do PT, prevalecendo um padrão de representação em torno do peso do governismo local e estadual, ou seja, a crítica de ACM Neto ao menosprezar a necessidade de um alinhamento nacional entre governador e presidente foi explorada, mas sem levar em consideração a força do *alinhamento estadual* (governador e prefeitos).

Gráfico 4: Apoio dos prefeitos por Território de Identidade, Bahia, 2022.



Fonte: elaborado pelos autores.

Pode-se observar através deste mapeamento que Jerônimo já possuía o apoio da maioria dos prefeitos da Bahia no período da pré-campanha. O número de 272 prefeitos que declararam apoio à candidatura do PT é mais próximo dos 300 mandatários locais noticiados tanto pelo petista quanto por ACM. Podemos afirmar, então, que na pré-campanha a maioria dos prefeitos da Bahia optou por declarar apoio a Jerônimo, dando evidências de que havia uma estabilidade nas bases eleitorais governistas estaduais.

A VITÓRIA DE JERÔNIMO RODRIGUES (PT)

A campanha eleitoral na Bahia transcorreu com extrema tensão para ambos os lados. Até a véspera do primeiro turno não se sabia com segurança quem estava à frente do pleito. Nas redes sociais e nos jornais era possível acompanhar o ritmo frenético de campanha, em que os candidatos chegavam a anunciar agendas por até cinco, seis cidades em um único dia[25]. Enquanto ACM Neto[26] acusava Jerônimo de não ter preparo para governar a Bahia, Jerônimo acusava seu principal adversário de não conhecer o estado[27].

Próximo ao primeiro turno, as pesquisas dos institutos mais conhecidos dos eleitores, como Datafolha e Ipec (antigo Ibope) sinalizaram que Neto mantinha a vitória no primeiro turno, com ampla margem em relação a Jerônimo. Tais institutos[28] [29] afirmaram que ACM Neto teria 51% dos votos e Jerônimo 38%, com margem de erro de 2%. O instituto de pesquisa Dataqualy[30] chegou a afirmar nas vésperas da eleição que ACM Neto teria 58% dos votos no primeiro turno contra 35% de Jerônimo Rodrigues.

Também existiram estudos afirmando que a vitória seria de Jerônimo no primeiro turno. O instituto Atlas indicou que o petista venceria com 52,3% dos votos válidos, enquanto ACM Neto teria 45,2%. Tal organização foi muito criticada por sua metodologia de pesquisa pós-estratificada em que os participantes respondiam a um questionário via internet. Muito se debateu sobre a capacidade de retratar a realidade e a vulnerabilidade da pesquisa em

[25] Disponível em: https://www.metro1.com.br/noticias/politica/129532,confira-a-agenda-de-campanha-de-acm-neto-e-jeronimo-para-esta-quinta-feira, Acesso em: 29/11/2022.
[26] Disponível em: https://offnews.com.br/2022/10/24/jeronimo-quer-esconder-o-seu-despreparo-sua-historia-foi-secretario-de-aiquara-de-um-prefeito-que-foi-cassado-dispara-acm-neto/, Acesso em: 29/11/2022.
[27] Disponível em: https://politicalivre.com.br/2022/08/nao-cuidou-de-salvador-e-nao-conhece-a-bahia-critica-jeronimo-apos-neto-prometer-hospital-regional-para-o-norte-da-bahia/#gsc.tab=0, Acesso em: 29/11/2022.
[28] Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/10/01/datafolha-na-ba-votos-validos-acm-neto-51percent-jeronimo-rodrigues-38percent.ghtml, Acesso em: 29/11/2022.
[29] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ipectv-bahia-iguala-datafolha-vitoria-de-acm-neto-no-1o-turno/, Acesso em: 29/11/2022.
[30] Disponível em: https://politicalivre.com.br/2022/09/com-582-dos-votos-validos-acm-neto-venceria-no-primeiro-turno-neste-domingo-segundo-pesquisa-dataqualy-politica-livre/#gsc.tab=0, Acesso em: 29/11/2022.

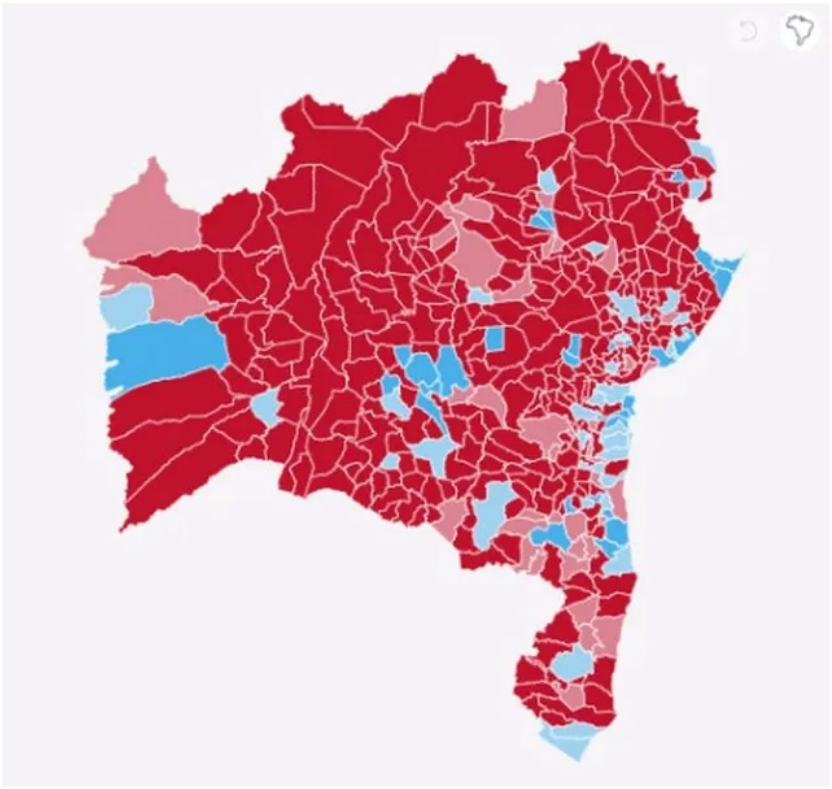
relação à manipulação desses resultados[31]. Porém, foi o instituto Atlas que mais se aproximou do resultado das urnas.

No dia 02 de outubro Jerônimo Rodrigues[32] venceu o primeiro turno com 49,5% dos votos válidos e foi para o segundo turno com ACM Neto que teve 40,8% dos votos válidos. ACM Neto[33] ganhou com ampla vantagem em Salvador, tendo 52,8% dos votos válidos contra 36,9% dos votos válidos para Jerônimo. Sem dúvida, ter boa votação em municípios de médio e pequeno porte definiu a eleição para Jerônimo, como é possível observar no mapa (Figura 1), em que os territórios locais pintados de vermelho foram os quais Jerônimo Rodrigues obteve o maior número de votos, enquanto os municípios pintados de azul deram mais votos para ACM Neto.

No segundo turno, a estratégia de Neto foi buscar um aumento na diferença dos votos na capital, Região Metropolitana de Salvador (RMS) e nos municípios em que possuía maior potencial eleitoral. Na capital, as últimas semanas da campanha foram marcadas por denúncias de que a prefeitura de Salvador[34] estava retirando material do PT de postes, muros, ruas, enquanto muitas pessoas foram contratadas para fazerem boca de urna e espalharem material do postulante do União Brasil. No interior e na capital, ACM Neto apareceu em materiais que o associavam a Lula[35]. Assim, o representante do carlismo, com sua estratégia do "tanto faz" no plano federal e com os santinhos que colavam sua imagem ao nome do PT Nacional, buscou alcançar parte dos votantes petistas para si.

[31] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/acm-neto-questiona-pesquisa-divulgada-pelo-jornal-a-tarde-enquete-manipulada/, https://todabahia.com.br/atlasintel-divulga-nota-e-se-defende-de-acusacoes-de-manipulacao-de-pesquisa/, Acesso em: 29/11/2022.
[32] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/apuracao/1turno/bahia/, Acesso em: 29/11/2022.
[33] Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/10/03/eleicoes-em-salvador-ba-veja-como-foi-a-votacao-no-1o-turno.ghtml, Acesso em: 29/11/2022.
[34] Disponível em: https://atarde.com.br/politica/eleicoes/eleicoes-estaduais/deputado-acusa-prefeitura-de-usar-limpurb-para-favorecer-neto-1210146, Acesso em: 29/11/2022.
[35] Disponível em: https://atarde.com.br/politica/eleicoes/eleicoes-estaduais/pt-bahia-vai-a-justica-contra-material-ilegal-que-associa-neto-a-lula-1210080, https://destaque1.com/o-desespero-tomou-conta-dispara-rui-costa-sobre-materiais-que-associam-acm-neto-a-lula/, Acesso em: 29/11/2022.

Figura 1: Mapa do site G1 da votação para governador no primeiro turno de 2022[36]



Fonte: elaborado pelos autores.

Entretanto, com o resultado do primeiro turno favorável ao partido do governador, começaram as mudanças de lado nas cidades. Prefeitos que apoiavam João Roma e ACM Neto passaram a declarar apoio a Jerônimo[37]. A estratégia da campanha estadual petista no segundo turno foi a de fortalecer e ampliar os apoios dos prefeitos e vincular sua imagem a Lula.

As pesquisas apresentadas nas vésperas da eleição, novamente, se dividiam entre os candidatos. Enquanto o Ipec afirmava uma vitória apertada de Jerônimo[38], o Correio da Bahia

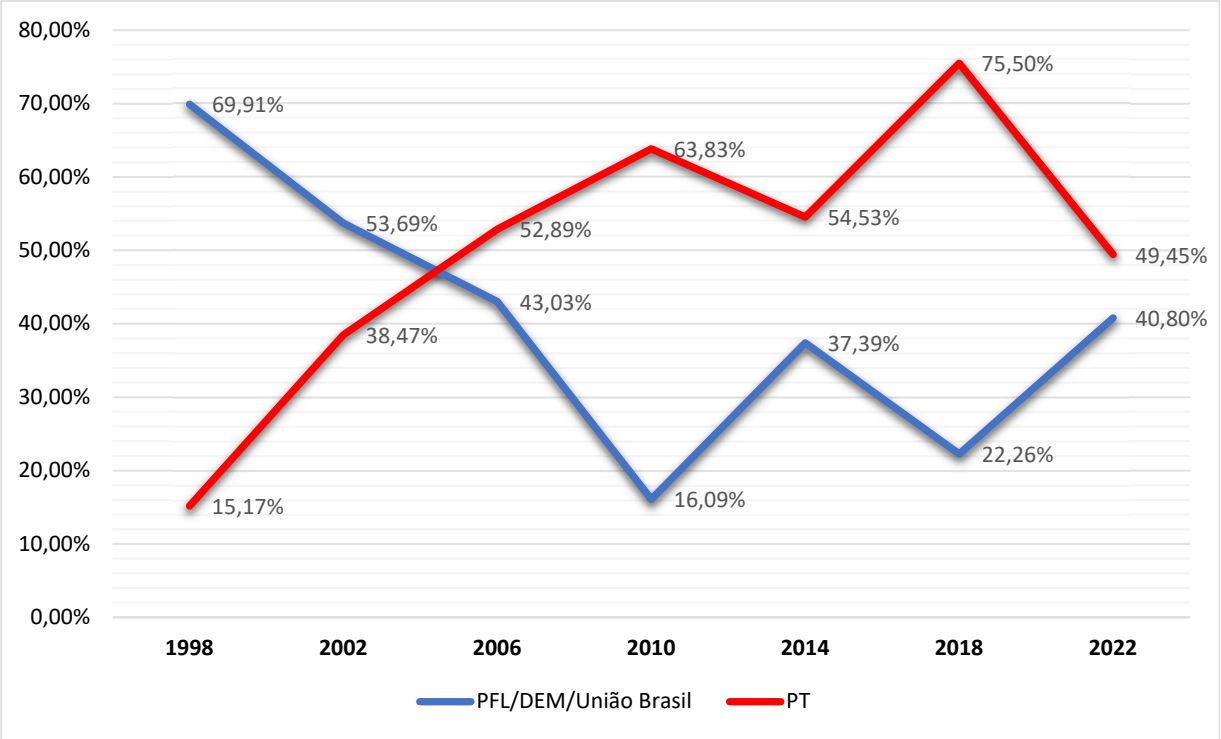
[36] Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/eleicoes-2022-na-ba-jeronimo-rodrigues-tem-maior-vitoria-em-iuiu-acm-neto-em-rio-real.ghtml, Acesso em: 29/11/2022.
[37] Disponível em: https://politicalivre.com.br/2022/10/jeronimo-soma-19-novas-adesoes-de-prefeitos-e-vice-prefeitos-para-a-disputa-do-2-turno-na-bahia/#gsc.tab=0, Acesso em: 29/11/2022.
[38] Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/10/21/ipec-na-bahia-no-segundo-turno-jeronimo-tem-48percent-acm-neto-44percent.ghtml, Acesso em: 29/11/2022.

anunciava a vitória de Neto com a pesquisa do Instituto Veritá[39]. Jerônimo venceu o segundo turno com 52,5% dos votos válidos, contra 47,5% de ACM Neto[40], uma eleição renhida quando consideramos a série histórica de polarização na Bahia desde o primeiro turno (Gráfico 5), onde se destaca o fato de que o estado teve um segundo turno, pela última vez, em 1994 ainda durante o auge do carlismo.

Os dados indicam algo bastante relevante e capaz de ilustrar tamanho equilíbrio no pleito. O ano de 2006 marca a alternância entre os grupos no poder, e a partir de então chama a atenção que as reeleições (2010 de Wagner e 2018 de Costa) se dão com vantagens expressivamente mais significativas. O fim dos primeiros oito anos de PT no estado, e o término do segundo período marcaram eleições mais equilibradas, o que pode justificar parte da estratégia de ACM de não abandonar o governo municipal em 2018, depois de seis anos governando a capital, para em 2022 enfrentar um adversário do PT que ele conseguiu minar a base de apoio partidária e enfrentar em um nível de equilíbrio mais intenso.

[39] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pesquisa-aponta-virada-historica-e-vitoria-de-acm-neto-no-segundo-turno/, Acesso em: 29/11/2022.
[40] Disponível em: https://www.tre-ba.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/jeronimo-rodrigues-e-eleito-governador-da-bahia, Acesso em: 29/11/2022.

Gráfico 4: Votação do PFL/DEM/União Brasil x PT, 1º Turno, Bahia, 1998-2022.

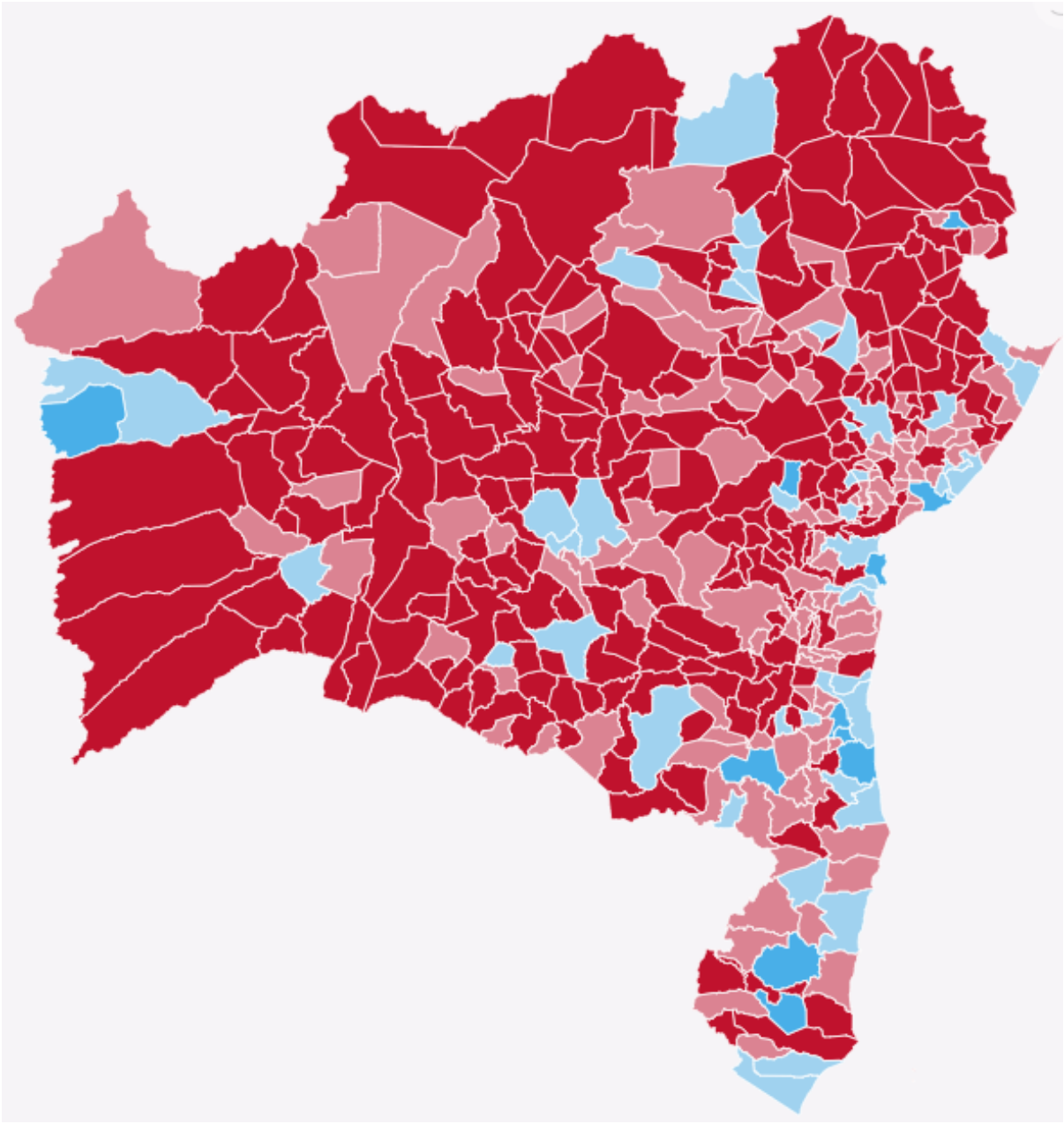


Fonte: elaboração dos próprios autores

Jerônimo[41] ganhou em 336 municípios no primeiro turno e ampliou sua vitória para 352 no segundo turno. Considerando os 30 maiores deles, o petista venceu em 16 deles no primeiro turno, enquanto ACM Neto conquistou mais votos em 14. No segundo turno, Jerônimo venceu em 21 dos maiores municípios ante nove cidades de ACM Neto. Apesar disto, Neto ampliou sua votação e ganhou nas maiores e mais populosas cidades do estado[42] (Figura 2).

[41] Disponível em: https://atarde.com.br/colunistas/levivasconcelos/movimentacoes-alteraram-resultados-da-bahia-no-2-turno-1210938, Acesso em: 29/11/2022.
[42] Disponível https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/eleicoes-na-bahia-jeronimo-amplia-vitoria-no-2o-turno-e-acm-neto-vence-nas-10-maiores-cidades.ghtml, Acesso em: 29/11/2022.

Figura 2: Mapa do site G1 da votação para governo da Bahia no segundo turno de 2022[43].



Fonte: elaborado pelos autores.

Como é possível observar com os dados apresentados, o apoio dos prefeitos das pequenas e médias cidades pode ter sido um fator decisivo na eleição ao governo da Bahia em 2022. Porém, isto não era um segredo, vide que os candidatos organizaram suas

[43] Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/eleicoes-2022-g1-divulga-resultados-do-2o-turno-em-municipios-da-bahia.ghtml, Acesso em: 29/11/2022.

campanhas e enfrentaram uma disputa acirrada por esses apoios durante todo o período de campanha e pré-campanha.

Ao final, o grupo de ACM Neto concluiu a eleição em desarmonia. Enquanto o deputado estadual Tiago Correia (UB)[44], marido da candidata a vice-governadora pela chapa do nome do União Brasil, Ana Coelho, ressaltou que discordou da estratégia de Neto de afirmar que foi o melhor prefeito do Brasil e de que Jerônimo foi o pior secretário da educação. O deputado de oposição viu arrogância e desrespeito com outros prefeitos e secretários estaduais. Na mesma linha, outros apoiadores criticaram[45] a postura de ACM Neto durante a campanha como arrogante e centralizador.

Não obstante, o candidato não parece concordar com as críticas que recebeu. ACM Neto declarou[46] que deveria ter assumido de forma mais contundente ser o candidato do "tanto faz" como lhe carimbou o seu adversário, reforçando que era o mais preparado para ser governador da Bahia. E respondeu as críticas que recebeu afirmando que deveria ter dado menos dinheiro a prefeitos e candidatos, e ter valorizado mais os militantes, lideranças e apoiadores do interior. Tal ponto é estratégico para a análise aqui proposta: ACM Neto, de fato, estabeleceu como foco central de sua campanha o apoio dos prefeitos? Provavelmente sim, e isso não é incomum em tantos estados brasileiros, restando dimensionar a influência disso, o que justifica esse nosso esforço, mesmo que incipiente.

Diante de tal fato, no **Quadro 2** trazemos as médias simples de votos em conjuntos de municípios de acordo com o posicionamento dos prefeitos em cada candidato no primeiro turno. Não é possível afirmar que esta seja uma variável unicamente capaz de explicar os resultados das eleições, mas ela parece contribuir para o argumento de que a variável de "governismo vertical" e de apoiamento de prefeitos a candidatos ao governo do estado podem explicar parte dos resultados obtidos nas urnas. Importante salientar que por serem médias simples, os resultados não expressam o peso de eleitorados maiores, os igualando a

[44] Disponível em: https://www.bnews.com.br/noticias/eleicoes-2022/marido-de-candidata-vice-diz-que-acm-neto-errou-ao-se-intitular-como-melhor-prefeito-do-brasil.html, Acesso em: 29/11/2022.
[45] Disponível em: https://atarde.com.br/politica/bahia/antigo-apoiador-denuncia-arrogancia-e-prepotencia-de-neto-1209076, Acesso em: 29/11/2022.
[46] Disponível em: https://www.metro1.com.br/noticias/politica/130385,acm-neto-confessa-a-aliados-ter-tido-dois-arrependimentos-na-campanha, Acesso em: 29/11/2022.

todas as demais cidades. Isso se justifica pelo fato de que o intuito aqui é dimensionar de forma incipiente um debate sobre o peso do conjunto de prefeitos do estado nos seus apoiamentos aos candidatos a governador, a despeito do eleitorado que têm em suas cidades.

Conforme as informações observadas, a média de votos do governador eleito Jerônimo Rodrigues (PT) no primeiro turno nas cidades em que teve apoio declarado de mandatários superou 61%, o que se repetiu nas cidades governadas por prefeitos filiados ao PT. Essa média é expressivamente superior àquela obtida no total, o que mostra um engajamento dos prefeitos aliados. Vale destacar que a média nas cidades com prefeitos que declararam apoio para os adversários foi de 47,7%, discretamente abaixo de sua votação, o que pode nos levar a uma outra evidência: o peso de Lula como cabo eleitoral do seu candidato a governador. Fenômeno semelhante se repete com ACM Neto nos municípios onde os prefeitos declararam apoio ao ex-prefeito soteropolitano: ele tem mais de 44% de votos onde o União Brasil governa e onde prefeitos o apoiaram, ficando com 32% onde o mandatário declarou apoio a adversários. A situação destoante ocorre apenas com João Roma, que na eleição tinha pouco mais de seis meses de filiação ao PL de Bolsonaro. O candidato teve 9% do total de votos no primeiro turno, chegando a quase 14 pontos onde teve o apoio declarado do prefeito, mas caindo para menos de 6% nas cidades governadas por prefeitos de sua legenda, o que atesta a força dos acordos governistas baianos, a força do governo e uma aparente superficialidade na filiação. O resultado, inclusive, em termos de médias percentuais, é discretamente inferior àquelas cidades onde prefeitos declararam apoios a adversários.

Quadro 2 – Média simples de votos dos principais candidatos ao governo da Bahia, 2022.

Candidatos	Votos Válidos em 1º Turno	Média onde teve apoio declarado do Prefeito (jul-ago)*	Média onde o Prefeito é do mesmo partido	Média onde o prefeito declarou apoio a adversário[47]
Jerônimo (PT)	49,45%	61,1%	61,5%	47,7%
ACM Neto (UB)	40,80%	44,8%	44,3%	32,3%
João Roma (PL)	9,08%	13,8%	5,9%	6,8%

Fonte: elaborado pelos autores.

[47] Para a composição dessas colunas foram excluídos municípios onde prefeitos não declararam apoio.

O que os dados sugerem é que o desempenho médio dos dois principais candidatos ao governo baiano é maior onde têm o apoio declarado dos prefeitos ou onde suas legendas comandam a cidade. No caso de Neto, cujo partido controla cinco cidades em que prefeitos não lhe declararam apoio, as médias acima de 44% votos no primeiro turno caem para 38%, o que serve para reforçar os indícios de que o apoio do líder local pode ter um peso sobre a votação de governadores. Assim, salienta-se que existem evidências ainda incipientes do peso do apoio do prefeito. Os achados ainda permitiram verificar que o partido do governador e de sua base mantém forte influência sobre prefeitos, a despeito do apoio dado pelas legendas no pleito estadual.

Por fim, dois fatores conjunturais parecem ter sido decisivos para Jerônimo Rodrigues (PT) conquistar o quinto mandato consecutivo do PT na Bahia: a boa avaliação do governo Rui Costa (PT) de forma contínua ao longo dos seus dois mandatos e a força de Lula nas urnas em um alinhamento nacional sem precedentes, levando o petista a um recorde de votos no primeiro turno desde 2002, obtendo 69,73% de apoio entre os baianos. Houve recorde também em Alagoas (56,50%), Piauí (74,25%), Rio Grande do Norte (62,98%) e Sergipe (63,82%). Mas é importante salientar que para além de tais aspectos, Neto e Jerônimo disputaram o apoio de prefeitos nas mais de 400 cidades baianas ao longo de toda a campanha, e tal questão não pode deixar de ser destacada, com as médias do Quadro 2 sugerindo impacto nos resultados. Sofisticar tal análise sob o ponto de vista matemático pode ser uma boa alternativa para aprofundar tal investigação, bem como compreender a influência de deputados estaduais e federais nesse tipo de disputa em lógica do que chamamos, a título ilustrativo e sem grande rigor acadêmico, de "governismo vertical".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de incomum levantamento feito com dados primários da posição dos prefeitos no apoio aos candidatos a governador, as evidências iniciais mostram que a força dos prefeitos pode ser considerada componente importante para a vitória eleitoral de Jerônimo Rodrigues (PT) em termos matemáticos mais incipientes. O comportamento do candidato

do União Brasil, a despeito de suas críticas ao dinheiro que investiu nesse tipo de apoiamento, também merece destaque. A exceção é João Roma (PL), provavelmente estimulado pela filiação recentre ao PL e quebra de proximidade da sua nova legenda com o PT baiano, o que reforça a ideia de governismo e da força do Executivo estadual na lógica política municipal.

Assim, as evidências encontradas sugerem que as hipóteses iniciais desse trabalho foram aparentemente e inicialmente confirmadas, e a força eleitoral dos prefeitos existe, assim como a lógica mais sintonizada ao governismo, sobretudo a favor das duas principais candidaturas ao Palácio de Ondina. Tal fenômeno, de duas forças estaduais mais marcante, inclusive, foram objeto de reflexão de Dantas (2007).

REFERÊNCIAS

BORGES, A. Já não se fazem mais máquinas políticas como antigamente: competição vertical e mudança eleitoral nos estados brasileiros. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 35, p. 167–188, fev. 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000100011. Acesso: 7 nov. 2022.

DANTAS, H. Coligações em eleições majoritárias municipais: a lógica do alinhamento dos partidos políticos brasileiros nas disputas de 2000 e 2004. 2007. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2007. DOI:10.11606/T.8.2007.tde-26022008-141714.

DANTAS, Humberto. Coligações nas eleições municipais de 2000 a 2008: a força dos partidos dos governadores. Brasília, **Liberdade e Cidadania**, v. 2, n. 6, p. 1-26, out./dez., 2009.

GRAÇA, Luís Felipe Guedes da; SOUZA, Cíntia Pinheiro Ribeiro de. Uso estratégico de eleições alternadas? Efeitos da candidatura para prefeito sobre a votação dos concorrentes ao cargo de deputado federal no Brasil. **Opinião Pública**, v. 20, n. 3, p. 326-345, 2014.

MACHADO, C. Coligações revisitadas: metodologias e encruzilhadas. In. KRAUSE, S; MACHADO, C.; MIGUEL, L.F. **Coligações e Disputas Eleitorais na Nova República**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2016.

MARCHETTI, V.; DANTAS, H. Coligações no Brasil: uma construção histórica dos seus parâmetros legais. In. KRAUSE, S; MACHADO, C.; MIGUEL, L.F. **Coligações e Disputas Eleitorais na Nova República**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2016.

MIGUEL, L.F. A Classificação dos partidos no continuum esquerda-direita. In. KRAUSE, S.; DANTAS, H.; MIGUEL, L.F. **Coligações Partidárias na Nova Democracia**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2010.

NASCIMENTO, W.; PARANHOS, R.; RODRIGUES, L.; CALHEIROS, E.; SILVA, R. Seu apoio, minha vida: apoio político e desempenho eleitoral no Brasil. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIA POLITICA, 9., 2017, Montevidéu. [Trabalhos apresentados]. Montevidéu: ALACIP, 2017. p. 1-20.

PEREIRA, Carla Galvão. O jogo entre elites e instituições: as estratégias políticas de ACM Neto e a tradição carlista. **Caderno CRH**, v. 30, n. 80, p. 237-255, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-49792017000200003. Acesso em: 5 nov. 2022.

RIBEIRO, Ana Carolina C. L. O orçamento republicano e as emendas parlamentares. [S.l.], **Revista Tributária e de Finanças Públicas**, v. 150, n. 29, p. 57-78, 2022. Disponível em: https://rtrib.abdt.org.br/index.php/rtfp/article/view/494. Acesso em: 05 nov., 2022.

GUIMARÃES, R. S.; BRAGA, C. Meu twitter, minhas regras: as pautas de costumes na educação bolsonarista. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 14, p. e4568140, 2020. DOI: https://doi.org/10.14244/198271994568. Acesso em: 5 nov. 2022.

SOUZA, Cláudio André. Eleições, Governismo e Pós-Carlismo em Salvador: Uma análise da vitória de Bruno Reis nas Eleições de 2020. In: SILVA, Emanuel F. S. (org.). **Eleições municipais 2020**: cenários, disputas e resultados políticos. Fortaleza: EDMETA, 2021.

VASQUEZ, Vitor; CURI, Henrique; SILVA, Bruno Souza da. Prefeitos e a construção do apoio legislativo nos municípios. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 2, e20190217, 2021.

Dados dos autores

Raquel Florence Carvalho

Psicóloga (UFBA), Mestre em Cultura e Sociedade (UFBA), Doutora em Ciências Sociais (UFBA), Coordenadora da Pós-Graduação em Assessoria Política e Governo (UCSAL). E-mail: raquelflorence@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4363-4308.

Cláudio André Souza

Possui Graduação com habilitação em Ciência Política (2009), Mestrado (2011) e Doutorado (2016) em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês (BA). E-mail: claudioandre.cp@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9979-8360.

Humberto Dantas Mizuca

Doutor (dez-2007) e mestre (mai-2002) em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), com graduação em Ciências Sociais pela mesma universidade (jul-1998). Pós-doutor em Administração Pública pela FGV-SP (2017-2021). Coordena a especialização em Ciência Política da FESPSP - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. E-mail: humbertodantasneto@gmail.com.